

## abrindo o debate ...

# SOBRE AS REDES QUE O TEXTO TECE

---

Enreda-se a análise do «discurso» na articulação dos vários domínios da linguística. E assim se inscreve numa perspectiva interdisciplinar.

De acordo com a especificidade do texto, a análise recorre oportunamente a esta ou àquela teoria e tece relações nem sempre rigorosas, dada a multiplicidade dos recursos.

Complexo também é o diálogo entre a pedagogia insuficiente para aplicar métodos de análise — e a linguística.

De tentativa em tentativa, percorre a pedagogia caminhos diversificados mas sempre questionados como esta «leitura», que pretende responder ao problema da integração da «gramática» na abordagem do texto.

---

### A R E D E

*Naquele dia a rede também subiu cheia de peixes. Carpas, barbos, lampreias, cadozes, enguias e tantos outros acabaram dentro das cestas dos pescadores.*

*Lá em baixo, no rio, os sobreviventes preocupados e aterrados já nem ousavam mexer-se. Famílias inteiras tinham já sido deportadas para o mercado, cardumes haviam caído na rede e acabado na frigideira. Que fazer?*

*Alguns jovens cadozes reuniram-se junto a uma pedra e decidiram rebelar-se.*

*— Trata-se de um caso de vida ou de morte — disseram. A rede que é lançada todos os dias à água e sempre num lugar diferente, para nos aprisionar e destruir, acabará por despovoar o rio exterminando-nos. Os nossos filhos têm direito à vida, e nós devemos fazer qualquer coisa para salvá-los deste flagelo.*

*— E que poderemos fazer? — perguntou uma tinca que seguira os conjurados.*

*— Destruir a rede — responderam todos os cadozes.*

*A corajosa decisão, confiada às deslizantes enguias, propagou-se imediatamente a todo o rio, sendo todos os peixes convidados a reunir-se na manhã seguinte numa enseada protegida por grandes salgueiros.*

*De manhã, milhares de peixes, de todas as formas e idades, encontraram-se para declarar guerra à rede.*

*O comando das operações foi confiado a uma velha e astuta carpa, que já conseguira escapar à prisão por duas vezes, despedaçando com os dentes as malhas da rede.*

– *Ouçam com atenção* – disse a carpa. – *A rede é da largura do rio, e cada malha, no lado inferior, tem um espaço de chumbo que a faz arrastar pelo fundo. Portanto dividam-se em dois grupos: um grupo levantará os pesos de chumbo mantendo-os à superfície; o outro grupo manterá bem firme as malhas da parte superior. As lampreias, por sua vez, cortarão com os dentes as cordas que seguram a rede entre as duas margens; as enguias, essas, partirão imediatamente em reconhecimento para nos indicarem o sítio onde a rede foi lançada.*

*As enguias partiram. Os peixes, reunidos em grupos, espalharam-se ao longo das margens. Os cadozes entretanto, animavam os mais tímidos, recordando-lhes o triste fim de muitos companheiros exortando-os a não terem medo de ficarem presos na rede, porque doravante nunca mais nenhum homem os apanharia.*

*As enguias exploradoras voltaram. A rede fora localizada e encontrava-se a uma milha de distância.*

*Então, todos os peixes, como uma imensa frota, navegaram comandados pela velha carpa.*

– *Atenção* – disse a carpa; *a corrente pode arrastá-los para dentro da rede: abrandem e manobrem as barbatanas como deve ser.*

*E a rede, cinzenta, sinistra, apareceu.*

*Os peixes, tomados dum repentino furor, atacaram.*

*A rede foi levantada do fundo, as cordas que a seguravam cortadas, as malhas destruídas, mas os peixes, no auge da fúria, não largaram a presa. Todos eles, abocanhando a sua malha da rede, agitando as barbatanas e as caudas, puxaram-na em todos os sentidos, partiram-na, destruíram-na enfim, reencontrando assim, nas águas que pareciam em ebulição, a liberdade perdida.*

(das Fábulas, Ar. 42 v.)

in FÁBULAS E LENDAS de Leonardo da Vinci, ed. Futura, Lisboa 1974

## ESTRUTURA DA NARRATIVA – ALGUMAS QUESTÕES

O texto é um conjunto coeso, organizado em função de conteúdos que o narrador pretende enfatizar no final, quando da moralidade da fábula, o que é próprio do género.

Os enunciados são encadeados numa relação lógica de casualidade e constituem uma sequência de modificações estruturadas que se organizam num todo.

História de animais com comportamentos humanos e com a tipização do ser malfeitor – a rede – um singular simbólico, instrumento de poder de um colectivo dominante.

O esquema narrativo é simples e organiza-se a partir da função simbólica de disjunção exclusiva, isto é, da incompatibilidade entre os bons e os maus.

Parte de um elemento cognitivo partilhado pelo narrador e pelo narratário – o evento que resumimos: a rede pesa os peixes para os homens. Organiza-se a narrativa, de maneira a des-

partar no receptor a atenção, a curiosidade e a ansiedade que, num crescendo, o conduzem para o desfecho – a liberdade reconquistada, alteração do acontecimento inicial. Essa tensão vai-se processando por etapas e decorre quer de factores emotivos, quer do facto de, o problema – como dizia Barthes – “consistir em manter o enigma no vazio inicial da sua resposta”.

Mas a competência cultural do receptor – neste caso o pressuposto conhecimento da tipologia da fábula e também todo um implícito extra-discursivo preparam-no para a revelação – fecho no final. É de esperar que os peixes sejam libertados, de acordo com a transformação

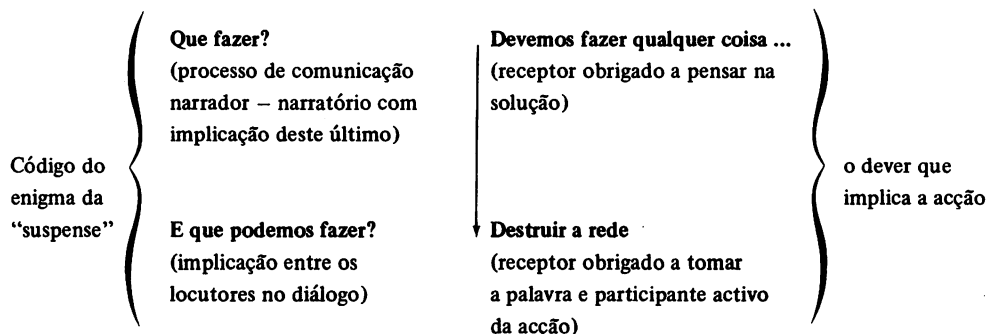
aprimados	libertados
disforia	euforia
negativo	positivo
degradação	melhoria

O processo de transformação da narrativa decorre com etapas sucessivas:

prisão – morte de alguns peixes  
 protesto e rebelião  
 decisão, revolta → luta  
 libertação (preenchimento da falta - recompensa)

A articulação dos segmentos narrativos vai inserindo gradualmente a disforia da abertura na euforia da esperança e, por fim, da liberdade, que culmina a “performance” final.

O funcionamento romanesco do texto apoia-se em duas perguntas e duas respostas que estruturam a narrativa e lhe conferem coerência semântica e unidade conceptual. São elas:

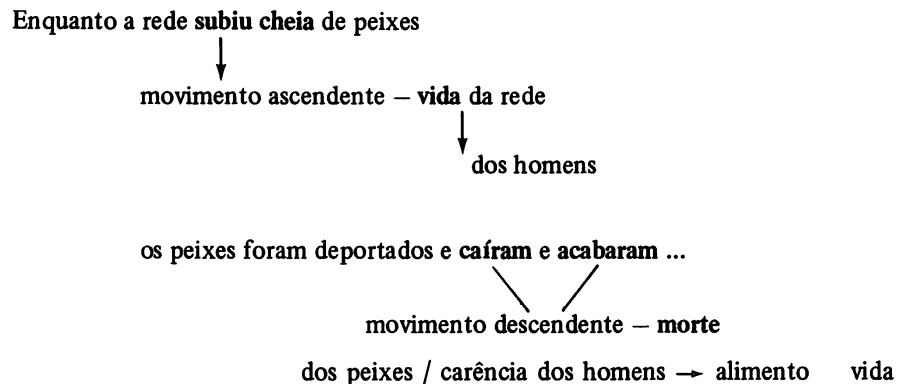


A primeira pergunta surge pela constatação de um facto – a destruição dos peixes. A segunda reforça a primeira para realizar o projecto já iniciado na resposta a essa mesma pergunta. É esse paralelismo que sustenta a trama da narrativa, que a mantém de pé.

São essas perguntas, esse conjunto discursivo anterior, que condiciona novos enunciados. Mas observemos mais detalhadamente o percurso narrativo. Inicia-se o texto por “naquele dia a rede também subiu cheia de peixes” – pressuposto que remete para um tempo omissivo na narrativa, que aponta para um passado repetitivo que se consome no final do texto.

o reencontro – “reencontrando assim a liberdade perdida”.  
 liberdade perdida / liberdade reencontrada

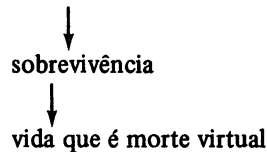
A primeira afirmação é seguida de uma explicitação – (que peixes?) – “carpas, barbos, lampreias, cadozes, enguias e tantos outros acabaram dentro dos cestos dos pescadores ...” ... “... famílias inteiras tinham sido deportadas ... cardumes haviam caído na rede e acabado na frigideira”.



E ainda:

a ousadia do movimento que é morte – os que ousaram mexer-se acabaram ...

a não ousadia — submissão à lei instituída



Uma morte que se concretiza na terra, no mercado dos homens, e se consome na frigideira. A rede e a frigideira – objectos do homem que fazem parte do seu programa de pesca e alimento – transformam-se nos objectos que consumam a prisão e morte dos peixes. Sempre presente no texto a dicotomia vida/morte.

Perante o acto consumado, surge a pergunta “Que fazer?”. O discurso dos cadozes é já, de certo modo, uma resposta e condiciona os enunciados seguintes.

São os jovens, os mais ousados, que iniciam a revolta. Os peixes são a personagem colectiva. Formam um só actante que inclui vários actores. São agentes indicativos constituídos por peixes de acções efectivamente realizados. Constroem agora os sujeitos caracterizados pela modalidade do querer. Executam um programa narrativo de acção para a obtenção do seu objectivo – a liberdade, a vida. O papel da rede obriga-a a tornar-se anti-sujeito, uma vez que os peixes recusam submeter-se à sua função de objecto ... Só que a rede possui um

saber – aparece todos os dias em lugares diferentes – estratégia do jogo da vida e da morte. Esse saber constitui um obstáculo ao querer dos peixes – a destruição do inimigo – e pode reduzi-la, por sua vez, ao anterior estado de não sujeito.

É então que surge o programa proposto pela velha e astuta carpa – (herói da sua sequência que remete para o contexto socio-ideológico em que está inserido).

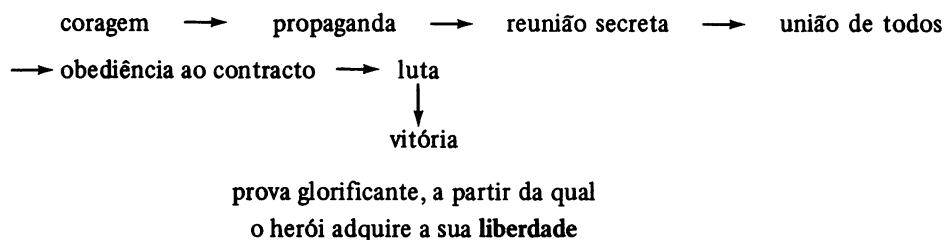
Ela concretiza a modalidade do poder, toda a competência necessária – querer e poder – para a realização do mesmo programa. O seu saber “de experiências feito” orienta o percurso narrativo na parte final do texto.

O desejo da personagem peixes torna-se assim apto a receber o poder para realizar o projecto.

Os episódios dinâmicos ao nível do fazer processam-se no sentido de restabelecer o equilíbrio da narrativa.

As acções ordenam-se cronologicamente para preencher esse fazer. O destruir implica toda uma estratégia, um jogo de astúcia do mais fraco para com o mais poderoso.

O destruir implica:



O jogo dos actantes é um conflito dramático de vida e morte. A interdependência das relações entre as personagens resulta da alternativa dos seus actos. E as escolhas que fazem traduzem-se na modificação da história, na irreversibilidade da narrativa.

Mas as personagens, na fábula, servem apenas para ilustrar a moralidade da mesma. O que interessa não são os animais em si mas a função que assumem. Elas integram-se numa ordem lógico-temporal – o código das acções – ao qual corresponde o código do emissor na resposta à pergunta “que fazer?”, concretizada no êxito da conclusão final – uma conclusão lógica, causal e temporal que tem a finalidade de manter a continuidade da narrativa e dar solução ao problema – peixes não felizes → peixes felizes.

## O DISCURSO

A fábula preocupa-se mais com o que é contado do que com o como é contado. A história ultrapassa a estruturação do discurso. E é aquela que é mais facilmente memorizada pela comunidade, o que contribui para uma maior divulgação.

O discurso subordina-se à narrativa, obedece às regras do género, tanto quanto à do subgénero em que se insere: a fábula. Esta é um texto funcional, um discurso didáctico, que remete para um referente. O léxico e a construção sintáctica facilitam a comunicação para uma efectiva apreensão da lição final – a expressão de um dever.

É um discurso isento de reflexões, que não se detém em descrições minuciosas. Vai reproduzindo os acontecimentos, à medida que eles vão surgindo na história. O enunciado localiza-se relativamente ao locutor e ao alocutário num tempo e espaço que são os da enunciação e que são encarados como certos.

O narrador está ausente da história que conta, numa relação extradiegética. Há uma distância entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, uma recusa de implicação que caracteriza o discurso na terceira pessoa.

Essa distância narrativa é assinalada por alguns deícticos anafóricos que situam os enunciados: “de manhã” ... “naquele dia”, etc., e também, pela introdução das falas das personagens, que projectam uma maior objectividade no discurso.

Mas é nessas incursões do discurso directo na boca das personagens que o narrador está ainda mais escondido, colocando-se na posição de narratário e ‘ficando a escutar’ o que dizem as personagens. O texto é, então, um mediador de locutor - alocutário, apoiado na função performativa da linguagem.

A presença do narrador, apesar de fugidia, deixa as suas “marcas” no modo como qualifica aquilo de que fala – a **modalização**.

1. Marcas já citadas que se situam num espaço e num tempo, numa relação de continuidade: “naquele dia”, “lá em baixo”, “na manhã seguinte”, “de manhã”, “a uma milha”, “então”, “enfim”, (então, enfim – ligação de causa e efeito) “Portanto” (referência ao enunciado anterior com peso nos enunciados seguintes).

2. Operações de determinação que concretizam o real do texto, os termos apreciativos – adjectivos valorativos – que denunciam o narrador como:

“os sobreviventes preocupados e aterrados”, “a corajosa decisão”, “a velha e astuta carpa”, a rede **cinzenta e sinistra** (vocabulário organizado à volta do medo/coragem, carregado de subjectividade), **deslizantes**.

3. São também as comparações “os peixes como uma imensa frota”, e “águas que pareciam em ebulição” (relação água/fogo → furor).

A presença do narratário, ao qual o narrador se dirige, situando-o no mesmo espaço e tempo da narrativa, é directamente assinalada pela pergunta “Que fazer?” e também pelas informações que lhe fornece como: “os sobreviventes ... não ousavam ...”, “famílias ... deportadas”, cardumes ...”, “uma enseada ... salgueiros”. As comparações, já referidas, implicam também a pressuposição de um código comum a narrador e narratário.

Há, nas fábulas e lendas de todos os povos, um conjunto de valores herdados de imagens primitivas. Ora o símbolo vive desse inconsciente colectivo e também das imagens que, quotidianamente, a realidade oferece, daí que varie de cultura para cultura.

Ora a fábula é um património cultural etnológico tradicional que se apoia no enredo e que tem, subjacentes, códigos culturais - sistemas (de valores e atitudes e de comportamentos). É um género imperativo, normativo e, como tal, tem como objectivo influenciar o destinatário.

Essa influência manipuladora realiza-se no plano do simbólico:

O arquétipo do Bem e do Mal e da sua eterna luta é simbolizado nesta fábula pelo combate

entre os peixes e a rede que certos homens instrumentalizam. A solução proposta pelo modelo é que, na luta, a liberdade vence a morte (real e virtual), é que os mais fracos, unidos, batem os mais fortes.

Vejamos:

\* A rede representa os homens que a utilizam, o inimigo, a condenação, o terror latente, a morte, mesmo se para os pescadores é símbolo de trabalho e de pão, mesmo se, para eles, é apenas instrumento de actividade laboral.

A carpa, de entre todos os peixes, consubstancia o poder instituído por consenso, a eficácia de comando reconhecido e aceite, visando estruturar uma acção colectiva. O “dominador” impõe a sua norma, porque o dominado não possui o seu saber e porque, neste caso, é dominador consentido voluntariamente pelo grupo que estabelece as próprias regras.

Os peixes, talvez a máscara em que se projecta o eu do narrador, simbolizam o colectivo oprimido por algo que não escolheu, nem aprovou.

\* Processo de metonímia – sabe-se que a rede é o símbolo dos pescadores. O símbolo não está apenas ancorado no facto linguístico. Há uma relação extralinguística, uma rede, ela própria, de conotações que o texto acorda como efeitos.

Dá a revolta e a luta como solução do dilema da sobrevivência. A função simbólica alarga-se ainda a lugares do texto ideologicamente marcados:

- o rio ← a vastidão, a liberdade, a vida.
- a corrente do rio — corrente que arrasta para a prisão e para a morte ...
- O mercado, local de venda, para onde são conduzidos os “deportados” e os aprisionados – é um mercado dos escravos.
- A frigideira, a tortura pelo fogo, a morte, a destruição.
- A enseada protegida torna-se o local secreto da organização da revolta.
- A pedra, onde os conjurados se reúnem – um marco, uma ara, um altar para prestar juramento ...

Lembre-se contudo que o código simbólico não possui um sentido único. Dá a sua transcendência. Segundo Barthes, os semas são apenas um ponto de partida para o sentido. Só aparentemente são psicologizados. Obedecem, por vezes, mais ao discurso do que à história. Projecta-se um problema complexo, o da ideologia, questão sempre difícil, se considerarmos a “máscara”, com que se dissimula o narrador para enganar subtilmente o narratário e o submeter ao mundo da ficção.

Depois, o texto vai vivendo através das várias leituras. O destinatário consciencializa os seus próprios valores, constrói, por sua vez, a sua narrativa, recriando o texto e retirando dele todas as potencialidades de uma reescrita. É ao leitor que cabe participar na descodificação dos signos no momento da leitura. A compreensão dos textos nasce assim de uma interacção: interpretativa e analítica do texto ao leitor, deste ao texto. E, de novo, um recomeçar.

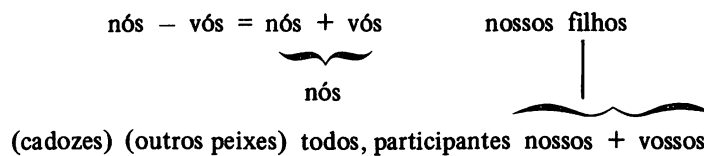
### ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO NA FALA DAS PERSONAGENS

O discurso é aqui organizado em função do alocutário e, pelo discurso directo, insere-se uma comunicação numa outra.

É um discurso noutra discurso, cada um conservando as suas características próprias.

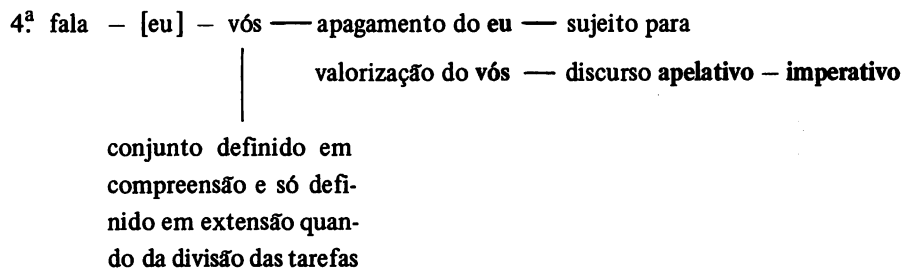
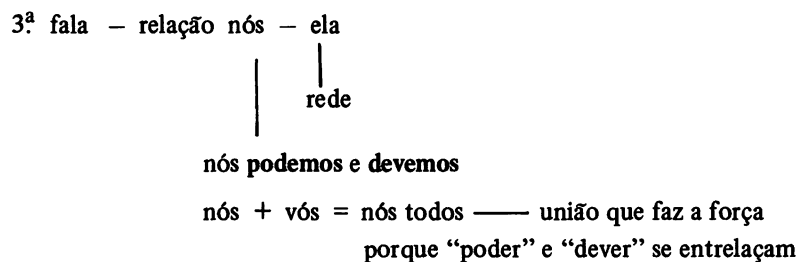
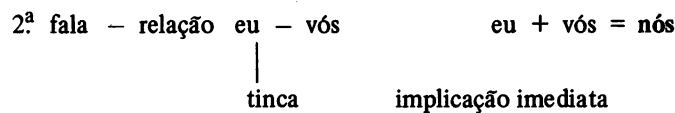
O discurso directo reproduz propósitos, repete-os. Tem a função de autenticar enunciados, de representar a comunicação inicial. É ainda efeito de um real simulado que marca as estruturas linguísticas.

1ª fala — a comunicação estabelece-se entre



Um nós e um nossos englobantes. Índices declarativos para situar a comunicação.

Processo alusivo que remete para o locutor.





O jogo dos pronomes pessoais e possessivos manifesta as diversas modalidades de comunicação e processa uma transformação narrativa do desenvolvimento textual.

É um processo alusivo que remete para o locutor (sujeito do enunciado) produtor de um discurso pedagógico visando convencer o alocutário. Estrutura-se do modo que segue:

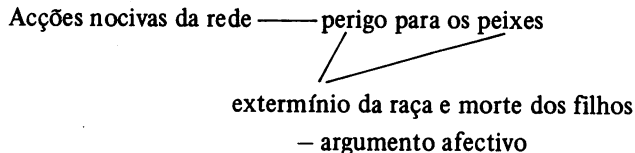
Parte de uma situação

- a rede aprisionou mais uma vez os peixes
- os peixes ... já não ousavam mexer-se
- famílias inteiras tinham já sido deportadas para o mercado
- cardumes haviam caído na rede e acabado na frigideira

para uma argumentação:

marcada pela hierarquia dos argumentos		<ul style="list-style-type: none"> <li>– a rede acabará por despovoar o rio, exterminando-nos</li> <li>– os nossos filhos têm direito à vida</li> <li>– nós devemos fazer qualquer coisa ...</li> </ul>
--	--	---

e por marcas afectivas que instituem um dever.



A intencionalidade dos argumentos culmina com um enunciado fortemente modalizado – **devemos fazer qualquer coisa** – verbo modal – **dever** que estabelece uma certa tensão discursiva, assumida por “nós”.

A argumentação atinge o seu efeito pleno na 3ª fala, quando o acordo sobre o facto que se debate, quando da adesão dos peixes à tese defendida pelos locutores.

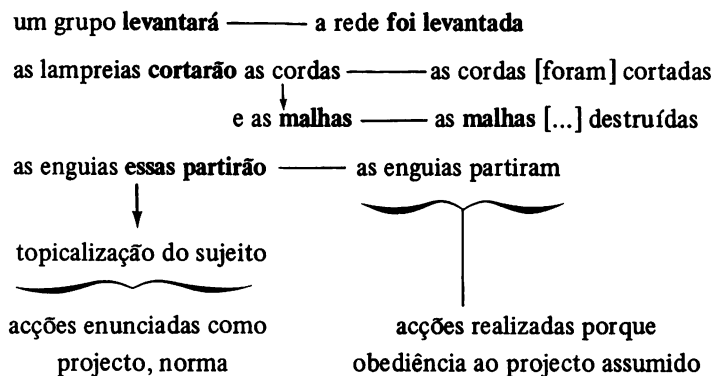
As unidades textuais funcionam simultaneamente em dois planos: **argumentativo e narrativo** e neles se cruzam dois discursos – um discurso argumentativo e um discurso polémico contra o poder da rede, sendo o objectivo ético o de situar o alocutário no domínio da moral, fazendo um apelo à razão e não só à afectividade.

A multiplicação dos sujeitos no diálogo, as falas que se introduzem no texto num encadeamento contínuo, produzem o efeito da apropriação pela escrita de um real complexo.

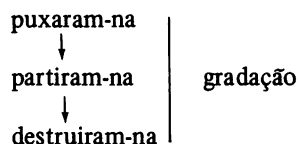
A 1ª fala prepara para a decisão da 3ª, curta, incisiva:

- se isto é assim . . . . . (1ª)
- devemos fazer isto . . . . . (3ª)
- desta maneira . . . . . (4ª)

A 4ª fala é um enunciado geométrico com paralelismo no último parágrafo do texto: o que é ordenado na 4ª fala é realizado no final.



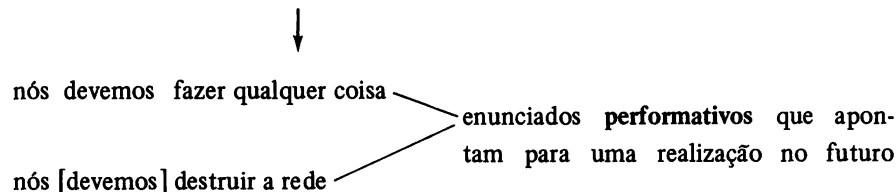
Os verbos exprimem uma modalidade em relação ao alocutário. Três verbos dinâmicos explicitam a destruição da rede — a acção final realizada. São verbos de acção que condicionam uma mudança de estado absoluto e articulam-se em relação de causa e efeito:



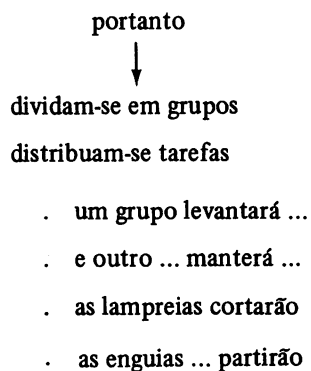
É todo um discurso que condiciona atitudes e comportamentos, que transforma valores. Convence para realizar. Troca linguística simbólica, que exprime comportamentos dominados, orquestrados.

O discurso surge organizado a partir da relação de enunciados **constativos** e **performativos** que põem em destaque o real representado no texto.

Assim, depois de se constatar **tratar-se de um caso de vida ou de morte** surgem os enunciados



Constatao ainda, o facto de a rede ser da largura do rio



enunciados **performativos**, frases imperativas — futuro — (realizados na parte final da história), frases com sujeito gramatical preciso, concreto, não enunciado na 1.<sup>a</sup> pessoa, mas sob forma de colectivos agentes

O discurso surge com predominância da função conativa, em mensagem com valor pragmático orientada para o destinatário. É um discurso que traduz uma posição social, hierárquica, que autoriza o ordenar e a sua aceitabilidade dentro do contexto. É um discurso alargado em explicitações, que se inscrevem no implícito discursivo do enunciado, e das quais o receptor extrai as suas conclusões:

- a rede . . . . . que é lançada todos os dias em lugares diferentes
- a carpa . . . . . que já conseguira escapar à prisão por duas vezes
- as cardas . . . . . que seguram a rede
- as águas . . . . . que pareciam em ebulição

Relevo pois para enunciados positivos com carácter parentético e assertivo. Aliás o que se nos depara é um discurso com grandes frases que mantêm a coesão interna e funcionam como agentes incontestáveis, levadas ao extremo:

**Trata-se de um caso de vida ou de morte**

(asserção no modo indicativo para emocionar o alocutário, no geral)

e no particular **Os nossos filhos têm direito à vida**

(daí o acentuar-se o direito que aponta para um dever – um dever de todos)

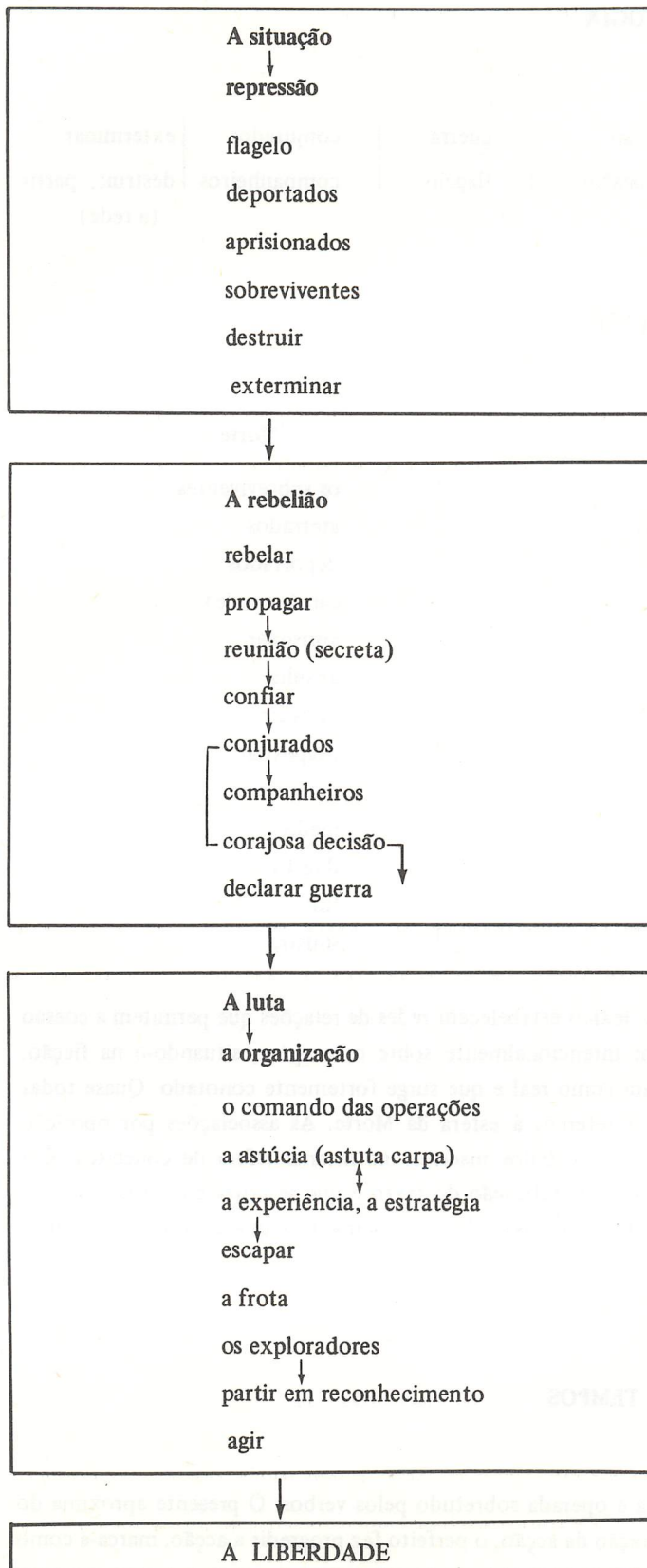
↓  
**nós devemos fazer  
 qualquer coisa**  
 ↓  
**destruir a rede**

## O L É X I C O

Todo o texto possui um léxico de base e outro ou outros que se situam no intertexto. Esse léxico pressupõe o conhecimento do código por parte do narratário e estabelece também todo um processo de comunicação, no sentido de uma compreensão entre o eu e o tu.

O tipo de discurso determina as regras que constituem a forma de vocabulário entendido pelo receptor.

Na fábula que analisámos, um léxico militar e político aparece disseminado no texto. É um léxico não muito especializado que não interfere na comunicação, que não torna o discurso opaco.



## ASSOCIAÇÕES POR ANALOGIA

famílias	preocupados	cair	guerra	conjurados	exterminar
cardumes	aterrados	acabar	flagelo	companheiros	destruir, partir (a rede)

## ASSOCIAÇÕES POR OPOSIÇÃO

Vida	Morte
salvar	os sobreviventes
coragem (corajosa)	aterrados
manhã	deportados
liberdade	cair (na rede)
	aprisonar
	apanhar
	destruir
	despovoar
	exterminar
	medo
	flagelo
	fim
	sinistra

As variantes combinatórias do léxico estabelecem redes de relações que permitem a coesão do enunciado e se projectam intencionalmente sobre o receptor, situando-o na ficção, num mundo que se lhe afigura como real e que surge fortemente conotado. Quase todas as associações por analogia se referem à esfera da Morte. As associações por oposição revelam uma predominância de vocábulos inscritos na mesma esfera de conceitos. É a isotopia da Morte que atravessa a significação do texto e que se cruza com a isotopia da Vida, na disjunção disforia/euforia. É essa relevância semântica que acentua a coerência do texto.

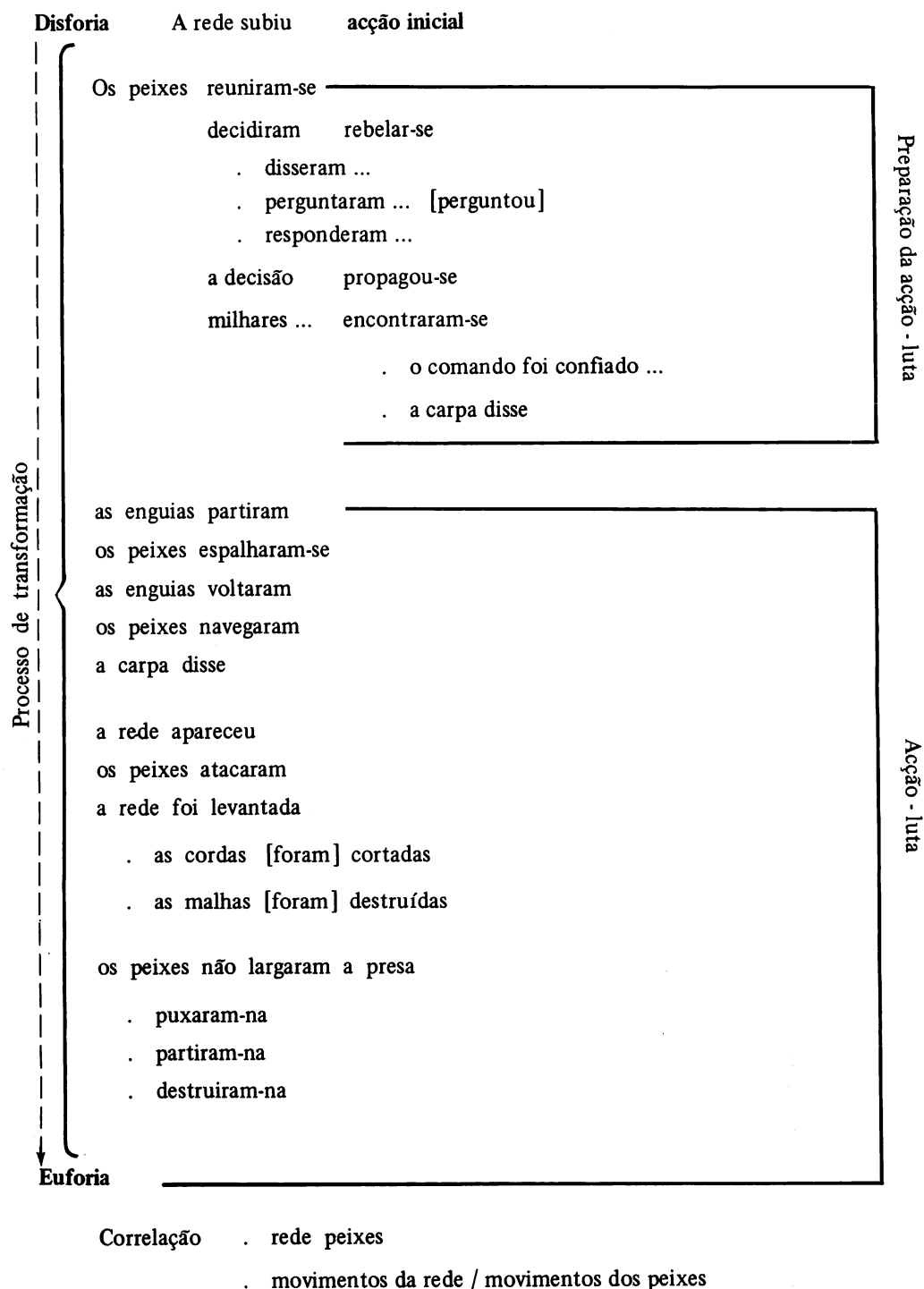
## OS VERBOS – MODOS E TEMPOS

A transformação da narrativa é operada sobretudo pelos verbos. O presente aproxima do real, o imperfeito marca a duração da acção, o perfeito faz progredir a acção, marca-a como realizada.

Os verbos que surgem no texto são, geralmente, verbos de acção, verbos de movimento que emprestam à narrativa uma paisagem cinética.

Os factos surgem no passado, uns a seguir aos outros, de acordo com a ordem estabelecida numa “narrativa contínua”.

É o perfeito que nela predomina. Assim:



### CONSTITUINTE IMPERATIVO (OBRIGATÓRIO) TEMPOS E MODOS QUE O REALIZAM

1. **Presente** — na sua forma supletiva do presente do conjuntivo, para exprimir um acto ilocutório directivo, realizado no presente:

verbos que exprimem uma modalidade em relação ao alocutário	{ ouçam dividam-se abrandem manobrem	programação nos actos ilocutórios
---	--	-----------------------------------

2. **Futuro** — a passagem de um presente a um futuro, por meio de uma recomendação imperativa, a realizar posteriormente.

É um enunciado categórico empregado como resultado potencial assegurado.

(um grupo) levantará	programação
(outro grupo) manterá	
(as lampreias) cortarão	
(as enguias) partirão	

E ainda o futuro no verbo aspectual **acabar** em:

a rede ... acabará por despovoar o rio ...

enunciado encarado pelo locutor como ameaça certa: enunciado prospectivo.

3. Um presente que aponta para o futuro no verbo aspectual

dever em: devemos fazer qualquer coisa.

Enunciado que afirma a intencionalidade do locutor para convencer e intimidar o alocutário, fazendo assumir o enunciado produzido. Fundem-se assim um presente e um futuro que se inscrevem na esfera do fazer, do que deve ser feito.

### VOZ ACTIVA / VOZ PASSIVA

Para Halliday, a passiva é uma construção orientada para o agente. É a acção deste agente explícito que está na origem da transformação.

No tipo inacabado, a transformação é orientada de maneira mais subtil. Ex.: a rede fora lançada ...

Só o contexto pode evitar as ambiguidades. Na nossa Fábula, a ambiguidade é desfeita pela referência aos pescadores, aos homens, e também pelo conhecimento que o alocutário possui sobre o assunto.

A transformação passiva coloca sempre em posição inicial o complemento de objecto directo. Faz dele o tema-sujeito psicológico. É sobre ele que a frase se apoia dado que o topicalizava:

[Os homens ] lançaram a rede

A rede foi lançada (pelos homens)

No texto, o enunciado estabelece sempre a relação rede/peixes. Antes da transformação narrativa, a rede é sujeito da acção – sujeito da voz activa – e os peixes são objecto dessa acção.

Após a transformação, a rede passa a sujeito da voz passiva e é objecto da acção dos peixes. Estes, por sua vez, tornam-se os agentes da acção e os sujeitos efectivos da voz activa.

A análise do discurso coloca-nos no nível da história.

As personagens principais, são a rede (que dá o título à fábula) e os peixes, discriminados, de acordo com os seus papéis de actores, mas instituindo-se como um só actante, actante colectivo. Definem-se ora como actantes sujeitos, ora como actantes objectos. Os seus papéis mudam à medida que a narrativa se vai transformando. São os peixes, que por fim, afirmam o seu papel de herói colectivo, vencendo a ameaça mortal. A rede e os peixes são constantemente re-nomeados no texto, em tópicos discursivos que contribuem para a coerência da estrutura temática da fábula.

VOZ ACTIVA / VOZ PASSIVA

Agente	Sujeito	Verbo	Objecto
– [pelos homens]	a rede a rede a rede	subiu (v. activa) é lançada (v. passiva) acabará por destruir (v. activa)	– – os peixes
[pelos peixes]  enguias pelos peixes	a rede  a rede a rede  os peixes	<b>fora localizada</b> (v. passiva) apareceu (v. activa) <b>foi levantada</b> (v. passiva) puxaram – partiram – destruíram–	     na [a rede] na [a rede] na [a rede]

De presa a predadores, os peixes transformam-se. Deixam de ser indivíduos singulares. Assumem-se em voz e acções colectivamente decididas. Surgem como exemplo a seguir.

E a fábula exerceu a sua função. ■



## BIBLIOGRAFIA

- AUSTIN, J. L. – *Quand dire c'est faire*, Seuil, 1970.
- DUCROT, O. et ANSCOMBRE, J. C. – *L'argumentation dans la langue* – Langages 42.
- GARDIN, B. – *Introduction à la sociolinguistique*, Larousse, 1974.
- SEARLE, J. R. – *Os actos da fala* (tradução), Livraria Almedina, Coimbra, 1984.
- VAL DIJK, T. – *Grammaire textuelle et structures narratives in Semiotique narrative et textuelle*, Larousse, 1973.
- VENDLER, Z. – *Les performatifs en perspective* – Langages 17.
- WUNDALICH, D. – *Pragmatique, situation d'enonciation et deixis* – Langages 26.

\* MARIA HELENA DOS SANTOS OLIVEIRA

Licenciada em Filologia Românica pela Faculdade Clássica de Letras de Lisboa.

Orientadora pedagógica de Português do Centro de Apoio Pedagógico de Lisboa.